

LIBERDADE E DEMOCRACIA

Gen. Div. MOACIR ARAUJO LOPES

SUMÁRIO

- 1 — A Subversiva Filosofia do Profeta da Juventude
- 2 — A Liberdade
- 3 — O Suporte da Liberdade
- 4 — Base Jurídica dos Prâmbulos das Constituições
- 5 — Implicações Filosóficas
- 6 — Exemplos na América
- 7 — Liberdade e Democracia
- 8 — Conclusão.

1 — A Subversiva Filosofia do Profeta da Juventude

Herbert Marcuse — alemão de origem judaica, 72 anos, naturalizou-se americano em 1940, após abandonar o seu país, com a ascensão do nazismo. Notícia de jornal informa haver trabalhado na O S S., antecessora da atual C. I. A. É conferencista em diversas universidades americanas e, atualmente, professor de Filosofia e Economia Política na Universidade da Califórnia, em San Diego. Recentemente participou de um forum sobre Marx, sob os auspícios da UNESCO. É considerado o "profeta" da juventude rebelde. Está sendo ameaçado por entidades extremistas da direita (Ku Klux Klan), qualificado de asqueroso cão comunista. "A American Legion" formada pelos combatentes das duas grandes guerras reitera esforços para afastá-lo da Universidade onde leciona. Foi citado em comícios por Rudi Dutschke, Rudi o Vermelho, "chefe de estudantes em cólera", ferido em Berlim e a quem Marcuse visitou no hospital. Escreveu "Eros and Civilization" (1955), "One Dimensional Man" (1964), traduzidos e editados no Brasil com os títulos de "Eros e Civilização" e "Ideologia da Sociedade Industrial", respectivamente. É autor ainda de "Reason and Revolution" e "Soviet Marxism". Cita-se, ainda, uma primeira obra, sobre Hegel, como necessária a bem apreciar "Eros e Civilização", além de inúmeros ensaios, muitos sobre Marx. Dois deles foram agora publicados em "Marcuse".

A observação do comportamento atual de parte da mocidade, concorde com o aspecto demolidor da filosofia de Marcuse, parece-nos autorizar a classificá-lo não apenas como o profeta, mas sim como

o verdadeiro orientador da juventude e dos indivíduos e organismos que a pervertem.

Isto mesmo afirma Vamireh Chacon, na Introdução do livro "Marcuse":

"De qualquer forma, Herbert Marcuse — mais que Reich ou outros — vem sendo a fonte inspiradora deste movimento, sobretudo nos Estados Unidos, Alemanha e França". (Movimento de liberação sexual).

"... portanto não constitui surpresa quando jovens de Paris, Berkeley e Berlim introduzem Herbert Marcuse ao lado de Mao Tsetung e Ernesto "Che" Guevara.

Procuraremos sintetizar a maldosa filosofia exposta, sobretudo em "Eros e Civilização", que, datando de 1955, é responsável, acreditamos, pelos atuais rumos tomados por jovens, intelectuais, artistas e oportunistas de todos os matizes. No seu livro "Ideologia da Sociedade Industrial" (1963), já servem de premissas as retumbantes vitórias das diretrizes anteriores.

Na crítica dos trabalhos mencionados, tornaremos por guia a confiança na perenidade dos valores tradicionais da nossa cultura milenar. Procuraremos apoio, outrossim, no próprio pensamento dos filósofos criticados por Marcuse e relacionados por ele como revisionistas das idéias de Freud (Carl Jung, Erich Fromm, Karen Horney, Sullivan, Clara Thompson).

A filosofia de Marcuse, em execução, é usada e integralmente subversiva no campo político, com a prévia e paralela desintegração do campo moral:

"O protesto dos jovens continuará porque é uma necessidade biológica". "Por natureza", a juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a Morte e contra uma civilização..."

"Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política."

Tem como objetivos imediatos a desmoralização e destruição de toda e qualquer autoridade (negando-lhes seriedade) e a liberação total do sexo, em proporções inacreditáveis, à guisa de transformação. Na sua contextura, focaliza com segurança os aspectos negativos da nossa civilização, fato que se constitui em passaporte eficaz para a penetração das idéias e deve motivar uma severa autocrítica de nossas lideranças.

É visceralmente materialista, ironizando "os mais altos valores da civilização ocidental" e criticando filósofos que os desenvolvem numa evolução natural do freudismo. Assim sendo, rejeita frontalmente a moral tradicional, revelada, de nossa civilização, resultante do De-

cálogo mosaico e dos ensinamentos evangélicos e plasmadora do caráter de gerações.

"Subseqüentemente, uma série de influências sociais e culturais são admitidas pelo superego, até solidificar no representante poderoso da moralidade estabelecida e daquilo a que as pessoas chamam as coisas "superiores" na vida humana".

"Freud reconheceu a obra de repressão nos mais altos valores da civilização ocidental — que pressupõem e perpetuam a falta de liberdade e o sofrimento".

"... sem aquéle ascetismo do mundo interior que forneceu a base mental para a dominação e a exploração".

"Não admira que Hendrick considere como o "sublime teste da vontade do homem de desempenhar eficazmente o seu trabalho" o funcionamento eficiente de "um exército que já perdeu quaisquer "fantasias de vitória e de um futuro aprazível", mas que continua lutando pela única razão de que a tarefa que incumbe ao soldado é combater e "realizar sua tarefa era a única motivação ainda significativa..." Em contraste com tais aberrações, o verdadeiro espírito da teoria psicanalística vive nos esforços intransigentes para revelar as forças anti-humanistas subentendidas na filosofia da produtividade".

Como significativa demonstração de materialismo, ressurge Nietzsche, aprovando a sua construção ateista e ultrapassando-a, ousadamente:

"Com o triunfo da moralidade cristã os instintos vitais foram pervertidos e restringidos..."

"Nietzsche expõe a gigantesca falácia sobre a qual se edificou a Filosofia e a moralidade ocidentais... Somente os valores superiores são eternos e portanto realmente reais..."

Não é por acaso que Universidades americanas trabalham hoje com o desmoralizado "slogan" — "Deus morreu".

É considerando primordialmente o seu profundo materialismo que compreenderemos a habilidade de Marcuse em pinçar de numerosas correntes filosóficas — expressões do pensamento humano através de milênios — os elementos necessários à construção do seu sistema. Desenvolve-o utilizando concepções de uma série de filósofos, sobretudo Freud, Hegel, Kant, Nietzsche, Jung, Schiller, Platão. Contudo, a sua plataforma filosófica assenta-se no primeiro deles, tendo mesmo o livro "Eros e Civilização" por subtítulo "Uma Crítica Filosófica ao Pensamento de Freud". Mas extrapola-o, quando julga haver conveniência

para o desenvolvimento do seu plano, com vistas aos objetivos que se propôs atingir.

Alia maquiavélicamente Freud a Marx, valendo-se da base materialista comum, encontrando argumentos para a realização de uma completa subversão das estruturas políticas, já agora a ser realizada não pelos operários, mas por jovens e intelectuais. Acena com utópico paraíso materialista, impregnado de sexualidade total (Eros), ao invés de resultante apenas da distribuição de bens econômicos a cada um, segundo as suas necessidades.

"Na medida em que o trabalhismo, a mão-de-obra sindicalizada, atua em defesa do *status quo*... A recusa do intelectual pode encontrar apoio noutro catalisador, a recusa instintiva entre os jovens em protesto".

"É revolta contra os falsos pais, falsos professores e falsos heróis, solidariedade com todos os infelizes da Terra... O homem contra a máquina... a guerra de guerrilhas definirá a revolução do nosso tempo?"

"A propagação da guerra de guerrilhas no apogeu do século tecnológico é um acontecimento simbólico: a energia do corpo humano revolta-se contra a repressão intolerável e lança-se contra as máquinas de repressão."

No livro mais recente, "One Dimensional Man", 1964, apresenta os marginalizados pelo processo democrático ("substrato dos párias e estranhos, dos explorados e perseguidos de outras raças e cônegas, os desempregados e os não empregáveis") como força capaz de provocar o abalo das atuais "condições e instituições intoleráveis". Diz que nada indica um bom fim, pois que "as aptidões econômicas e técnicas das sociedades estabelecidas são suficientemente vastas para permitir ajustamentos e concessões a subcães, e suas forças armadas suficientemente adestradas e equipadas para cuidar de situações de emergência".

Parte do asserto de que a atual civilização realizou a conquista da natureza, mas à custa da permanente subjugação dos instintos humanos, com restrições à liberdade. A felicidade estaria erradamente subordinada à disciplina do trabalho, da reprodução monogâmica e ao sistema estabelecido na lei e na ordem.

"A proposição de Sigmund Freud, segundo a qual a civilização se baseia na permanente subjugação dos instintos humanos, foi aceita como axiomática."

"A felicidade deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e de ordem."

"Enquanto o trabalho dura, o que, praticamente, ocupa toda a existência, o prazer é suspenso e o sofrimento físico prevalece."

"... a energia requerida para o trabalho (desagradável) deve ser "retirada" dos instintos primários — dos instintos sexuais e destrutivos."

Afirma que o sacrifício feito pela humanidade foi compensador, mas há aspectos bastante negativos na civilização atual.

"Não obstante essa sociedade é irracional como um todo. Sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas; sua paz, mantida pela constante ameaça de guerra; seu crescimento, dependente da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência — individual, nacional e internacional."

"Mas a verdade é que essa liberdade e satisfação estão transformando a terra em inferno. Por enquanto, o inferno ainda está concentrado em lugares distantes. Vietnã, Congo, África do Sul, assim como nos guetos da "sociedade afluente": no Mississipi e no Alabama, no Harlem."

Dá-lhes ênfase, tentando fazer-nos esquecer que eles são frutos do pragmatismo-materialista; que eles resultam do desnível entre as alturas alcançadas pela inteligência e as baixadas onde estacionou o coração do homem. E, assim, apresenta como solução não o retorno ao sadio espiritualismo, aos ideais cristãos tradicionais, mas o mergulho no materialismo, até as suas últimas consequências. Não apresenta o antídoto do veneno, mas sim o aumento dele, em dose maciça, transbordante de erotismo. Preconiza ações no campo moral e político que levariam ao paraíso do prazer, mas que conduzirão seguramente ao caos, se antes não levassem ao paraíso comunista.

Diz que a nossa civilização repressiva substituiu o princípio do prazer (satisfação mediata, prazer, júbilo da atividade lúdica, receptividade, ausência de repressão) pelo princípio da realidade (satisfação adiada, restrição do prazer, esforço do trabalho, produtividade, segurança).

Essa substituição remonta à horda primordial, na qual o homem que conseguiu dominar os outros, o Pai monopolizou para si a mulher (o prazer supremo) e impôs aos filhos o trabalho. Isto é, canalizou-lhes a energia dos instintos para atividades desagradáveis, mas então necessárias.

"O Pai monopolizou para si próprio a mulher (o prazer supremo) e subjugou os outros membros da horda ao seu poder."

"O fardo de todo e qualquer trabalho a realizar na horda primordial era impôsto aos filhos que, por sua exclusão do prazer reservado ao pai..."

O princípio de realidade está vinculado ao Pai, cujo poder hostil está simbolizado no medo da castração, dirigido contra a satisfação dos impulsos libidinais em relação à mãe.

Mas os filhos se rebelam, assassinam e devoram o pai. "A rebeldia contra o pai é rebeldia contra a autoridade biologicamente justificada". "Uma boa parte do poder que ficara devoluto pela morte do pai passou para as mulheres; seguiu-se o período do matriarcado".

Sob todo matriarcado a sexualidade é exaltada (já em nossos jornais lê-se a defesa desse tipo de organização social).

"O baixo grau de civilização repressiva, a amplitude de liberdade erótica que estão tradicionalmente associados ao matriarcado..."

"O matriarcado é substituído por uma contra-revolução patriarcal (dos filhos) e esta última é estabilizada mediante a institucionalização da religião."

Assim o pai sintetiza toda a autoridade repressiva dos instintos de vida. No sistema que ele estabeleceu, localizou a sexualidade nos órgãos genitais, ao invés de auto-sublimá-la, isto é, não empregá-la a serviço da reprodução, mas para "obter prazer através de todas as zonas do corpo", sendo todo este erotizado.

"O organismo, em sua totalidade, torna-se substratum da sexualidade, enquanto, ao mesmo tempo, o objetivo do instinto deixa de ser absorvido por uma função especializada, ou seja, a de "pôr os órgãos genitais do indivíduo em contato com os de alguém do sexo oposto."

"Com o alívio da tensão extrema, a libido refluí do objeto para o corpo, e essa "recarga de todo o organismo com libido, mediante a catexia, resulta num sentimento de felicidade em que os órgãos encontram sua recompensa por trabalharem e estimulo para novas atividades."

"O instinto não é "desviado" de sua finalidade; é gratificado em atividades e relações que não são sexuais no sentido da sexualidade genital "organizada", mas que, não obstante, são libidinais e eróticas."

"E o progresso normal para a genitalidade organizou-se de tal modo que os impulsos parciais e suas "zonas" foram dessexualizados, a fim de se ajustarem aos requisitos de uma organização social específica da existência."

A transformação da sexualidade genital em sexualidade total do corpo constitui, segundo Marcuse, a transformação conceptual da sexualidade em Eros. Nisto ele se afasta do conceito de Freud, quanto ao termo Eros.

Mas, para conduzir a essa transformação, passa o "profeta" por longo processo intelectual, em que enaltece a fantasia como ligação entre profundas camadas do inconsciente e os mais elevados pro-

dutos da consciência. Recorda o significado e a função originais da estética, vinculando o seu conceito inteiramente ao sexo:

"Essa tarefa envolve a demonstração da associação íntima entre prazer, sensualidade, beleza, verdade, arte e liberdade — uma associação revelada na história filosófica do termo estético."

Nessa ordem de idéias, revive, "poeticamente", as figuras de Orfeu e Narciso, da mitologia grega, o primeiro, símbolo do homossexualismo ("Ele estabeleceu o exemplo para o povo da Trácia ao dar o seu amor aos efêbhos", mas, "foi despedaçado pelas enlouquecidas mulheres trácias"), e o segundo, do onanismo. É todo um capítulo de "Eros e Civilização". Diz que, se Prometeu é o herói cultural da repressão (lembremos que ele roubou o fogo dos céus para entregar ao homem e foi encadeado em uma montanha do Cáucaso, onde uma águia lhe roia o fígado), os símbolos do prazer devem ser procurados em Orfeu e Narciso. Transcreve belos poemas entre os quais o verso de Paul Valéry, em que Narciso se dirige ao próprio corpo:

"Que poderei fazer, ó minha Beleza, que tu não queiras."

Assim se expressa, na busca da caracterização de Eros:

"O Eros órfico e narcísico desperta e liberta potencialidades que são reais nas coisas animadas e inanimadas, na natureza orgânica e inorgânica reais, mas suprimidas na realidade não erótica."

"A canção de Orfeu pacifica o mundo animal, reconcilia o leão com o homem."

"O amor" de Narciso é respondido pelo eco da natureza."

"Ao associarmos Narciso e Orfeu, interpretando ambos como símbolos de uma atitude erótica não repressiva em relação à realidade..."

... "E, no enaltecimento geral das perversões, declara:

"Assim, as perversões expressam a rebeldia contra a subjugação da sexualidade à ordem de procriação e contra as instituições que garantem essa ordem. A teoria psicanalítica vê nas práticas que excluem ou impedem as perversões uma oposição à continuidade da cadeia de reprodução, e, por conseguinte, da dominação paterna — uma tentativa para impedir o "reaparecimento do pai."

"Contra uma sociedade que emprega a sexualidade como um meio para um fim útil, as perversões defendem a sexualidade como um fim em si mesmo..."

Estabelecem relações libidinais que a sociedade tem de votar ao ostracismo porque ameaçam inverter o processo de civilização que fez do organismo um instrumento de trabalho."

Expressa que nada poderá garantir a continuidade da luta pela permanência da organização antiquada de hoje. Nem o "látego econômico", nem as leis, nem o patriotismo.

Justifica a revolta da juventude, como necessidade de higiene física e mental, levada por grande náusea pelo sistema de vida atual e pelas máquinas política, cultural, educacional e dos grandes negócios.

O progresso deverá seguir nova direção com a ativação das necessidades orgânicas reprimidas, fazendo do corpo humano um instrumento de prazer e não de luta:

"Sexualidade polimórfica": foi a expressão que usei para indicar que a nova direção do progresso dependeria completamente de oportunidade de ativar necessidades orgânicas, biológicas, que se encontram suspensas, isto é, fazer do corpo humano um instrumento de prazer e não de labuta."

Abolindo a repressão, afirma, a sexualidade tende à auto-sublimação, transformando-se em Eros. O progresso tecnológico, conquistando a natureza, diminui o tempo de trabalho alienado, permitindo o tempo livre, para o livre emprêgo das atividades individuais. Isto tornará possível a eternidade de prazer, hoje só realizado em pequena parcela de tempo ocioso e assim mesmo de emprêgo orientado pela máquina cressora.

"A redução temporal da libido é suplementada, pois, pela redução espacial."

"Deve aprender a esquecer a reivindicação de gratificação temporal e inútil, de "eternidade de prazer."

É alterada a relação entre prazer e instinto. Os instintos de vida determinam uma *ordem* sensual e a razão torna-se sensual, organizando a necessidade para proteção e enriquecimento dos instintos de vida. Reemergem as raízes da experiência estética. O princípio de prazer estende-se até a consciência. "Essa racionalidade sensual contém suas próprias leis morais" — é a idéia da moralidade libidinal.

"A idéia de uma moralidade libidinal é sugerida não só pela noção freudiana de barreiras instintivas à gratificação absoluta, mas também pelas interpretações psicanalíticas do superego."

Com o domínio de Eros surge o paraíso, em que o prazer é total, o trabalho é atividade lúdica espontânea. Marcuse nega que a transformação da sexualidade em Eros conduza ao caos, à explosão irrefreada do instinto, como tem acontecido em civilizações passadas.

Contudo — continua — o tempo (com a morte — Tharatos) é o maior obstáculo à sensualidade não reprimida; mas ele perde o seu poder pela recordação (não só dos deveres, mas também dos prazeres), que redime o passado. Mesmo assim, a energia reprimida da

humanidade deflagrará a sua maior batalha, contra a morte. Na civilização não repressiva, os homens podem morrer sem angústia, num momento de sua escolha.

O Embaixador J. O. de Meira Penna, em artigo de alerta, publicado no "Jornal do Brasil", Guanabara, de 7-8-1968, expressa em critica livre:

"A essa proposição fantástica, podemos apenas contestar que se tôda a humanidade se tornasse discípula de Marcuse e se dedicasse à *cathexis do corpo* que ele propõe, repelindo o *genitalismo reprodutor* e se expandindo livremente no onanismo, na pederastia, na coprofilia, zoofilia e urolagnia, no fetichismo, exibicionismo *fellatio* e erotismo anal — é evidente que um método seguro seria encontrado para a imediata solução do problema da explosão demográfica. Felizmente para a sobrevivência da espécie, entretanto, os autênticos discípulos de Marcuse não deixariam descendentes.....

É com esse comentário que podemos terminar essa crítica."

* * *

Na atualidade, atos de parte da juventude, de intelectuais e de responsáveis pelas comunicações com as massas, expressam o avanço total da filosofia Marcuse:

Juventude:

— o decálogo dos "hippies", enaltecedo simultaneamente o seu poeta, o amor, a mulher do próximo, as flôres, a vida em grupo, o protesto, os aiucinogêneos, a ociosidade (atividade lúdica) o repúdio ao banho (coprofilia, etc), o simbolismo da pintura de todo o corpo com flôres;

— os "slogans", entre os quais "PAPA PUE", "Papai Fede", o mais usado na recente crise estudantil francesa; e "MAKE LOVE, NOT WAR" (Faça o Amor e não a Guerra), empregado em disticos individuais até por crianças; e "É PROIBIDO PROIBIR", de origem asiática.

— o protesto contra a guerra do Vietnã;

— a queima dos cartões de recrutamento, nos Estados Unidos;

— o descrédito da autoridade e a sua desmoralização;

— o uso de anticoncepcionais e alucinogêneos;

— etc, etc, etc.

Intelectuais e artistas:

Palavrão, pornografia, perversões sexuais, sexo e erotismo no cinema, no teatro, na TV, no jornal, nas revistas e no livro. É preciso notar o número vultoso de pesquisas sobre sexo, realizadas por elementos não credenciados.

Comunicações de massa:

Promoções as mais diversas com base no sexo, inclusive com retratos de mulheres e agora de homens nus, notícias exacerbando-o, não raro escabrosas, etc, etc.

* * *

O estudo dos manifestos e declarações dos líderes estudantis e professores participantes da crise político-social francesa, de maio e junho do corrente ano, hoje facilitado pelo pequeno livro lançado pela Editora Laudes "A Revolta Estudantil", permite-nos comprovar a marcha nos rumos apontados por Marcuse, no campo político, e o uso frequente das suas idéias e expressões. E aquêles manifestos e declarações estão servindo de modelo a alguns dos nossos estudantes e professores. É verdade que não se referem a sexo. A meu ver para não afrontarem boa parte da opinião pública, pois que é conhecido o motivo da primeira interferência da polícia, na Universidade de Nanterre: quererem os estudantes liberdade para ir ao quarto das moças. Segundo aquêles pronunciamentos, a contestação nas Universidades não pode parar, pois tudo o que fôr conquistado só será permanente com a queda das autoridades e do regime em vigor. O poder estudantil deve instalar-se nas Universidades, com direito a veto em todas as decisões. Professores, muitos de formação marxista, concordam plenamente com a tomada do poder de decisão pelos estudantes. No combate à autoridade, incluem-se o boicote às provas e exames e a negação de necessidade de negociações com o Governo. Nenhum valor moral consta dos testemunhos citados. Isto revela a causa profunda da explosão estudantil: formação e ambiente pragmatistas, aos quais a juventude foi e é submetida.

Buscando apoio em autoridades que, do ponto de vista exclusivamente científico, põem a nu a fraqueza básica da filosofia de Marcuse ao preconizar que seja levado às últimas consequências o materialismo de Freud e Marx, citaremos Erick Fromm e Karen Horney.

Fromm, em "The Heart of Man, Its Genius for Good and Evil" afirma que a essência do homem não é uma qualidade ou substância, mas uma **contradição** inerente à existência humana. Ele é um **animal**, mas não possui equipamento instintivo inerente à vida; por outro lado, **possui inteligência** desenvolvida de tal forma que é vida consciente de si mesma. Está na natureza, mas transcende à natureza; é prisioneiro da natureza, mas livre em seus pensamentos. Pertence a dois mundos em conflito: corpo e alma, anjo e animal. "A consciência de si próprio do ser humano tornou-o um estranho no mundo, separado, solitário, assustado." A resposta à contradição é absolutamente importante, pois que deve ajudar o homem a

superar o sentimento de separação e obter o de união, de unidade, de relacionamento.

"Que pode o homem fazer para encontrar uma harmonia que o liberte da tortura da solidão e lhe permita sentir-se à vontade no mundo, encontrar um sentimento de unidade?"

Duas respostas:

— a regressiva, com a volta do homem ao lugar de onde veio — a natureza, a vida animal, os ancestrais. A tentativa de desfazer-se do que é **especificamente humano**, por cansaço do "fardo de ser-se homem". Regressão à existência animal; ou

— a progressista, o pleno desenvolvimento de todas as forças humanas, da humanidade dentro de cada um.

A solução progressista foi visualizada por grandes líderes religiosos — Ikhnaton, Moisés, Lao-Tse, Buda, Zaratustra, filósofos da Grécia, Maomé, Jesus.

Sentimento de unidade procurado não na origem animal, mas no destino transcendente, divino.

A mesma alternativa das religiões humanistas aparece também como diferença entre **saúde e doença mental**.

"Todas as formas arcaicas de experiência mental — necrofilia, narcisismo exacerbado, simbiose incestuosa — que de uma forma ou outra constituíram o "normal" ou mesmo o "ideal" em culturas regressivo-arcáicas, porque os homens eram unidos por seus anseios arcaicos comuns, são hoje em dia designados como formas graves de patologia mental."

A história dá-nos os exemplos de fases regressivas — na Alemanha, sob Hitler; na Rússia, sob Stálin; no linchamento no Sul dos Estados Unidos, etc.

Julgo que nista se resume, na melhor das hipóteses, a filosofia de Marcuse — regressão a impulsos arcaicos, ao invés de avanço na substituição deles por valores mais altos.

Ainda Erich Fromm, agora em "The Art of Loving", expressa com autoridade:

"De acordo com Freud, a satisfação plena e sem inibições de todos os desejos instintivos criaria a saúde mental e a felicidade. Mas os fatos clínicos evidentes mostram que os homens — e as mulheres — que devotam as vidas à irrestrita satisfação sexual não alcançam a felicidade, e muitas vezes sofrem de graves conflitos ou sintomas neuróticos. A completa satisfação de todas as necessidades instintivas não só não é base da felicidade, como nem mesmo assegura a sanidade.

Karen Horney, em "OUR INNER CONFLITS":

"Para aplicar essa concepção ao estudo dos conflitos importava a introdução de valores morais; estes eram entretanto, para Freud, intrusos ilícitos nos domínios da ciência."

Acorde em suas convicções diligenciou construir uma psicologia desprovida de valores morais. Creio que exatamente essa tentativa de Freud, nelas baseadas, encontram-se confinadas em limites demasiadamente acanhados."

A mesma Dr.^a Karen Horney, em "New Ways in Psychoanalysis":

"Uma terceira característica da aproximação freudiana aos problemas psicológicos é o modo explícito de abster-se de qualquer julgamento de valor e de avaliações morais. Esta atitude é coerente com a sua pretensão de ser um cientista e, como tal, autorizado, apenas, a registrar a interpretação dos fatos. Em parte, como observa Erich Fromm, Freud foi nisso influenciado pela doutrina de tolerância, que imperava no pensamento econômico, político e filosófico da era liberal. Veremos mais tarde, quão decisivamente essa atitude influenciou certos conceitos teóricos como o do "superego", por exemplo — e a própria terapêutica psicanalista."

* * *

Marcuse, embora em meias-verdades e com objetivos prefixados, tem percepção clara de graves contradições da nossa civilização, as quais não passam, evidentemente, de efeitos maléficos do pragmatismo-materialista.

Assim, critica parte do uso que fazemos da Liberdade:

"Hesito em empregar a palavra — liberdade — porque é precisamente em nome da liberdade que os crimes contra a humanidade são perpetrados. Essa situação não é certamente nova na História: pobreza e exploração foram produtos da liberdade econômica..."

E, quanto à antinomia das atuais atitudes e comportamentos no lar e fora dêle:

"O amor e as relações duradouras e responsáveis que ele exige baseiam-se numa união de sexualidade com o "afeto", e essa união é o resultado histórico de um longo e cruel processo de demonização..."

Esse refinamento cultural da sexualidade, essa sublimação do amor, tem lugar numa civilização que estabeleceu relações possessivas particulares separadas e, num aspecto decisivo, conflitantes com as relações sociais de posse. Enquanto fora do privatismo da família, a existência do homem foi principalmente de-

terminada pelo valor de troca dos seus produtos e desempenhos, sua vida no lar e na cama foi impregnada do espírito da lei divina e moral... A força plena da moralidade civilizada foi mobilizada contra o uso do corpo como mero objeto, meio, instrumento de prazer; tal coisificação era tabu e manteve-se como infeliz privilégio de prostitutas, degenerados e pervertidos. Precisamente em sua gratificação e, em especial, em sua gratificação sexual, o homem tinha de comportar-se como um ser superior, vinculado a valores superiores; a sexualidade tinha de ser dignificada pelo amor."

Contudo, ele não reconhece a causa desses efeitos — o materialismo. O homem da nossa geração estimulou a família — mulher, filhas, crianças — a cultivar, no lar, valores espirituais e morais, religiosos. Fora dele, porém, na política, nos negócios e no uso do próprio corpo, adotou o mais ferrenho materialismo. Por isso, a educação, além do lar, fez-se leiga, no sentido de arreligiosa, e levou ao envolvimento dos jovens por escolas filosóficas e consequentes pedagogias pragmatistas, anulando o esforço de dignificação da família.

Por contágio, exploraram-se outros autores em assuntos do sexo, como o Marquês de Sade e Jean Genet. Em livrarias, encontram-se, hoje, cartazes anunciando: "Jean Genet — Diário de um Ladrão — Ladrão, Homossexual e Maldito." E, em orelha do livro, o autor é comparado aos mártires e religiosos de vários credos, inclusive do cristianismo, pela sua rejeição aos benefícios que a sociedade lhe poderia oferecer, "caso ele se conformasse a ela."

• * •

Vemo-nos ante duas opções:

a. omitir-nos e deixar que, em prosseguimento do trágico experimento, o materialismo domine até as últimas consequências, douradas nas conclusões utópicas mas integralmente subversivas do "profeta" da juventude:

"Com o aparecimento de um princípio de realidade não repressivo, com a abolição da mais repressão requerida pelo princípio do desempenho, esse processo seria invertido. Nas relações sociais, a coisificação reduzir-se-ia à medida que a divisão do trabalho se reorientasse para a gratificação de necessidades individuais desenvolvendo-se livremente; ao passo que, na esfera das relações libidinais, o tabu sobre a coisificação do corpo seria atenuado. Tendo deixado de ser usado como instrumento de trabalho em tempo integral, o corpo seria ressexualizado. A regressão envolvida nessa propagação da libido manifestar-se-ia, primeiro, numa reativação de todas as zonas erotogênicas e, consequentemente, numa ressurgência da sexualidade polimórfica pré-genital e num declínio da supremacia genital. Todo o corpo se

converteria em objeto de catexe, uma coisa a ser desfrutada — um instrumento de prazer. Essa mudança no valor e extensão das relações libidinais levaria a uma desintegração das instituições em que foram organizadas as relações privadas interpessoais, particularmente a família monogâmica e patriarcal."

"Essas perspectivas parecem confirmar a expectativa de que a libertação dos instintos só poderá conduzir a uma sociedade de maníacos sexuais — isto é a sociedade nenhuma. Contudo o processo que acabamos de esboçar envolve não uma simples descarga, mas uma transformação da libido — da sexualidade reprimida, sob a supremacia genital, à erotização da personalidade total."

"Essa transformação da libido seria o resultado de uma transformação social que autorizou o livre jogo de necessidades e faculdades individuais. Em virtude dessas condições, o livre desenvolvimento da libido transformada, para além das instituições do princípio do prazer, difere essencialmente da liberação da sexualidade reprimida, dentro do domínio dessas instituições..."

"Em consequência, o livre desenvolvimento da libido transformada, dentro das instituições transformadas, embora erotizando zonas, tempo e relações previamente tabus, reduziria ao mínimo as manifestações de mera sexualidade, mediante a sua integração numa ordem mais ampla, incluindo a ordem de trabalho;" ou

b. defender e projetar os valores superiores da nossa cultura e Fé milenares, em todas as atividades, do indivíduo e do grupo, no lar e na comunidade, como melhor veremos no decorrer deste trabalho. Assim, elevaremos a mente e canalizaremos, em rumos nobres, forças violentas da vida, ligadas aos instintos e que estão sendo sistematicamente exacerbadas. Realmente, a sublimação da sexualidade só poderá ser conseguida com o aperfeiçoamento espiritual, numa natural evolução do homem. Jamais com a erotização de todo o corpo humano e repúdio do trabalho, com a subversão das estruturas sociais e políticas vigorantes, através da juventude e dos intelectuais, em pleno domínio do materialismo. Seria risível, se não fosse trágica e perigosa, a tentativa, a que assistimos, de estabelecimento de um paraíso, onde apenas se desenvolvam forças instintivas, com sublimação do sexo, mediante uma utópica transformação.

A perversa filosofia de Herbert Marcuse dá-nos a perceber a profundidade das expressões paulinas:

"Estai de sobreaviso para que ninguém vos iluda com filosofias e com os seus falsos sofismas... (São Paulo, Epistola aos colossenses, 2-8).

2 — A Liberdade

"Diz uma lenda antiga oriental que a águia tem o poder de olhar o sol e levantar-se até ele, mas, de quando em quando, seus olhos e suas asas se paralisam, devendo, então, submergir numa fonte milagrosa que renova suas fôrças. O pensamento radiosso do homem que procura Deus, os protótipos e os bens eternos, é a águia e a fonte que renova sua fôrça quando vacilante, não é outra que a tradição das grandes épocas antigas, tal como se foi transmitindo de geração a geração." (Otto Willmann).

A Liberdade, realmente, só pode ser conferida ao homem, sem grandes riscos, quando ele dispõe de um instrumento interior, de autocontrôle, que leve a usá-la com integral respeito aos direitos de outrem e ao bem comum. Esse instrumento — a consciência — deverá ser despertado e aperfeiçoado à luz de valores transcedentes, de fundo religioso, que originem responsabilidade e coloquem no devido lugar poderosas fôrças instintivas, utilitaristas, materialistas. Sabem disso os regimes alicerçados em filosofias atéias, pois que complementam as respectivas práticas com forte e rígida armadura policial. Parecem ignorar o fato, no atual momento histórico, as democracias; e o dramático resultado é visível na desorientação explosiva da Juventude, criada à sombra do pragmatismo-materialista, agredida pela filosofia marxista e, agora, por essa filosofia maléfica, visando à subversão política, com fins inconfessados.

3 — O Suporte da Liberdade

Um exame histórico do conceito de liberdade auxiliará a percepção do problema.

A bandeira da Liberdade foi desfraldada, em nossa civilização, com a Responsabilidade dos valores resultantes da crença em Deus: Liberdade com Deus. Assim nos afirmam os mais expressivos documentos:

a. A Declaração da Independência Americana, Anexo 1, de autoria de Thomas Jefferson e lançada pelos treze Estados Unidos da América, em 1776, quatro vêzes refere-se à Divindade: "de acordo com as leis da natureza e as leis de Deus", "o Criador", "apelando ao Juiz Supremo do mundo, testemunha da retidão de nossas intenções", "com fé inabalável na proteção da Divina Providência". Em particular, assim se refere à Liberdade:

"Cremos axiomáticas as seguintes verdades: que todos os homens foram criados iguais; que lhes conferiu o Criador certos direitos inalienáveis, entre os quais o da vida, de liberdade e o de procurarem a própria felicidade;

b. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, da Assembléia Nacional da França, de 25 de agosto de 1789, Anexo 2, é feita "em presença e sob os auspícios do Ser Supremo".

"..... Em consequência, a Assembléia Nacional reconhece e declara, em presença e sob os auspícios do Ser Supremo, os seguintes direitos do Homem e do Cidadão":

"Art. 2º. A finalidade de toda a associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis, do homem. Esse direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão."

c. A Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, da OEA, Bogotá, 1948, Anexo 3, expressa o direito de Liberdade, com exaltação preliminar do espírito, transcendente à matéria:

"Que os povos americanos dignificaram a pessoa humana e que suas constituições nacionais reconhecem que as instituições jurídicas e políticas, que regem a vida em sociedade, têm como finalidade principal a proteção dos direitos essenciais do homem e a criação de circunstâncias que lhe permitam progredir espiritual e moralmente e alcançar a felicidade."

"É dever do homem servir o espírito com todas as suas faculdades e todos os seus recursos, porque o espírito é a finalidade suprema da existência humana e a sua máxima categoria."

"É dever do homem exercer, manter e estimular a cultura por todos os meios ao seu alcance, porque a cultura é a mais elevada expressão social e histórica do espírito.

E visto que a moral e as boas maneiras constituem a mais nobre manifestação da cultura, é dever de todo homem acatar-lhe os princípios."

"Artigo I — Todo o ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança de sua pessoa."

"Artigo II — Toda pessoa tem o direito à liberdade de investigação, de opinião e de expressão e difusão do pensamento por qualquer meio."

"Artigo XII — Toda pessoa tem direito à educação, que deve inspirar-se nos princípios de liberdade, moralidade e solidariedade humana."

d. As Constituições do Brasil de 1824, 1934, 1946 e 1967 incluem a palavra Deus no Preâmbulo:

a) 1824

"Preâmbulo. Dom Pedro Primeiro, por graça de Deus

"Art. 179. A inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos

cidadãos brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança e a propriedade é garantida pela Constituição do Império, pela maneira seguinte:"

b) 1934

"Preâmbulo. Nós, os representantes do Povo Brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social econômico

c) 1946

"Preâmbulo. Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos, sob a proteção de Deus,

"Art. 141.

§ 7º. É inviolável a liberdade de consciência e de crença

"Art. 166. A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana."

d) 1967

"Preâmbulo. O Congresso Nacional, invocando a proteção de Deus, decreta e promulga a seguinte Constituição do Brasil."

"Art. 168. A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola; assegurada a igualdade de oportunidade, deve inspirar-se no princípio da unidade nacional e nos ideais de liberdade e da solidariedade humana."

4 — Base Jurídica dos Preâmbulos das Constituições

Do ponto de vista jurídico, a inclusão da palavra Deus no Preâmbulo das Constituições, sobretudo na de 1967, importa na necessidade de considerar suas consequências filosóficas, para o perfeito cumprimento da Carta Magna.

Pontes de Miranda, em "Comentários à Constituição de 1967", examinando os Preâmbulos, Anexo 5, expressa que:

— os dizeres dos Preâmbulos têm de ser considerados, na interpretação dos textos constitucionais;

— não haver contradição entre a expressão "sob a proteção de Deus", da Constituição de 1946 e a prescrição, nela contida, declarando inviolável a liberdade de consciência e de crença, porque

devemos ver no princípio majoritário o próprio cerne da democracia, toda a Constituição, como toda lei é expressão da decisão da maioria;

— as Constituições de 1934 e 1946 são deistas. Também o é, obviamente, a de 1967;

— “é preciso que a Constituição seja respeitada e que sirva à longa caminhada pelas três dimensões: democracia, liberdade e igualdade”;

— “o que hoje mais importa no Brasil é que se cumpra a Constituição de 1967...”

A palavra Deus no Preambulo da Constituição do Brasil tem profundo significado filosófico e, em decorrência, religioso. É preciso deixar claro que religião não é seita religiosa. Recorrendo à etimologia (relegere — percorrer de novo um caminho, seguindo Cicero) ou (religare — ligar, conforme Lactâncio e Santo Agostinho), a religião nos liga a Deus.

5 — Implicações Filosóficas

Que implicações e consequências filosóficas resultam dessa característica do Preambulo constitucional? Responderemos:

a. basicamente, a opção dos brasileiros pelo conceito de **homem — espírito e matéria**, aquêle transcendente a esta, e não apenas matéria. A opção é decisiva no grave momento histórico atual, de bipolarização ideológica do mundo. O Brasil alinha-se, desse modo, política e socialmente, pela vontade da maioria, com as Nações afastadas das filosofias materialistas, base dos regimes políticos socialistas-radicalis. Deve, consequentemente, alicerçar-se em filosofia espiritualista, à qual a liberdade é inerente. Sendo o homem impulsionado pelo espírito e pela mente é muito grave a perspectiva da luta ideológica, quando inúmeros **soi-disant** democratas cultivam filosofia de vida materialista, própria do campo inimigo, marxista. Dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, perdemos terreno. Com o campo aberto, o materialismo tudo invade, sobretudo a mente dos jovens desconhecedores das maravilhosas tradições cristãs que nos embalaram. Adiante veremos, em decorrência, que todo o drama do momento reside na contradição, aceita pela imaturidade de líderes, entre a prática do materialismo e o uso simultâneo da liberdade.

b. o estabelecimento das bases da Moral (“Ciência que trata do uso que o homem deve fazer da sua liberdade para atingir o seu fim último”) revelada, tradicionalmente cristã, inspirada em valores

eternos e imutáveis, formadores da consciência, "a voz de Deus dentro do homem."

A moral natural, à medida que se afasta da religiosa, segue rumo próprio, passando fatalmente a só expressar valores conjunturais, inováveis e renováveis.

Essa degradação atinge proporções quase inacreditáveis na atualidade, em momento em que é examinada, como vimos, até mesmo a existência de uma moralidade libidinal.

c. a real dignificação da Criatura Humana, resultante da origem transcendente. Um materialista, frente a um dado criminoso — um matricida, por exemplo — não lhe pode respeitar a dignidade, por só considerá-la no aspecto atual. O espiritualista crê na dignidade potencial, que lhe é dada pelo espírito, e respeita-a, embora também não o possa fazer quanto à parte atual;

d. o culto da Liberdade pela atuação da consciência, força interior, necessária à implantação de atitudes sadias, orientadoras dos atos individuais e coletivos. Essa mesma força retificará os erros cometidos, prescindindo da utilização de ação externa, repressiva, policial;

e. a coloração espiritualista impressa em todos os valores contidos no texto da Constituição, que, assim, têm um sentido afirmativo. É preciso levar em conta que esses valores são neutros quanto à atual bipolarização ideológica. Eles integram documentos assinados pelos dois pólos, como os oriundos da ONU: Declaração dos Direitos Humanos e da Criança. Se assim não fosse, o mundo marxista, obviamente, não os assinaria. Contudo, liberdade, dignidade da criatura humana, solidariedade, etc, etc, são valores que, aceitos por marxistas, recebem deles, sempre, a coloração adequada. Ver a respeito o trabalho da educadora russa, Maria Petrossian, chefe da cátedra de Filosofia do Instituto de Engenharia de Moscou, especialista em problemas de humanismo, publicado no "Jornal do Brasil", Guanabara, de 9 e 10-4-1967, sob o título "Marxismo e Humanismo". O artigo cita uma série de valores: "desenvolvimento livre", "desenvolvimento material e espiritual", "elevação do nível espiritual", "luta pela liberdade", "independência nacional dos povos", "homem física e espiritualmente altamente desenvolvido", "respeito à dignidade humana da personalidade", "utilizar os direitos humanos", "desenvolver as suas exigências materiais e espirituais", "dignidade de cada representante do gênero humano", etc. Mas a sua coloração filosófica, materialista, é, de inicio, esclarecida, com a declaração:

"O marxismo parte do fato de que a essência do homem é determinada não por princípios ético-abstratos, psicológicos, naturalistas ou sobrenaturais, mas sim pelo meio social, em cujas condições vive este ou aquela homem. O meio social forma as pessoas."

Frans de Hovre em "Essai de Philosophie Pedagogique" mostravam, de modo muito claro, a origem da profunda diferença de conceitos entre o socialismo radical e o cristianismo (ou seja entre o marxismo e a democracia):

"A heresia do socialismo pode ser representada pela equação:

Socialidade = Moralidade = Religião

Ante esse erro ergue-se a pirâmide secular da tradição cristã:

Religião > Moralidade > Socialidade.

Esquecem-se, contudo, os defensores da primeira construção, de que não há Nação socialista-radical sem regime de força policial, amordaçador da Liberdade. Só a segunda construção permitirá o gozo da liberdade democrática. O trágico engano das atuais democracias está em julgar existir uma terceira construção: Liberdade com base no materialismo.

A "Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem", da OEA, seguindo os passos da "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão" da Assembléia Nacional da França, é afirmativa no sentido filosófico-espiritualista.

Mas, a nossa "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional", de 1961, limita-se a reproduzir valóres do corpo da Constituição de 1946, sem levar em conta a profunda implicação filosófica do Preambulo dessa Carta. É conhecida a forte influência de comunistas em sua elaboração. Recentemente, o Ministro da Educação, Tarso Dutra, em palestra na Escola Superior de Guerra, empresta-lhe cunho espiritualista:

"A Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961, encerra uma filosofia educacional de acordo com os princípios da civilização ocidental, que respeita a dignidade humana através dos valóres espirituais e morais pregados pelo cristianismo."

Pena é que declaração de tal valia não tenha ainda produzido os frutos desejados no trato dos problemas relacionados com a filosofia da educação.

São muito graves, ao meu ver, as consequências da ignorância, omissão ou mesmo temor com que democratas verdadeiros expressam os melhores valóres constitucionais sem dar-lhes coloração adequada. Deixam o campo livre ao envolvimento deles pelas atuantes correntes marxista e pragmatista;

f. a necessidade de orientar a Educação em bases realmente espiritualistas e de consequente oposição aos educadores que se afastam ou traem os fundamentos filosóficos da Constituição do Brasil.

A reação contra o ensino religioso-sectário da Constituição de 1834, de parte das correntes positivista, maçônica e mesmo de certos setores da Igreja Católica, levou à interpretação extremada da prescrição do § 6.º, do Art. 72, da Constituição de 1891:

"Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos."

A educação propriamente dita, relacionada com o sujeito e estreitamente vinculada aos **fins últimos** a atingir pelo homem, deixou de ser cogitação das Escolas. Nem o retorno às bases filosófico-religiosas, expresso pelas Constituições de 1934, 1946 e agora, de 1967, conseguiu abalar os velhos condicionamentos. Toda corrente pedagógica se alicerça em determinada base filosófica. E pedagogos pragmatistas, materialistas, marxistas, tirando partido da omissão dos responsáveis pela formação do caráter do brasileiro, impuseram a sua triste bandeira.

Podemos verificar isto até mesmo na "Lei de Diretrizes e Bases", cuja deficiência de fundamentos filosóficos definidos e adequados já foi exposta.

A democracia liberal ("laissez faire, laissez passer"), após sete décadas de aplicação no campo moral-educacional, apresenta os seus amargos frutos. Parte significativa da juventude, pressionada por apelos materialistas de professores, escritores e veículos de comunicação — rádios, TV, jornais, revistas, cinema e teatro — volta-se para o sexo, para os objetos, para a violência, para os alucinogêneos.

Tão abalada se encontra a estrutura da Escola, no campo educacional, que os sacerdotes e ministros religiosos não podem exercer a sua ação dentro das prescrições constitucionais. São declarações do "I Encontro de Educação Religiosa" realizado em maio do corrente ano, na Guanabara:

"... a mensagem religiosa está no instrumento, na estrutura geral da escola e, se o ensino for pagão, o aprendizado será pagão e, se o ensino for cristão, o aprendizado será cristão. O que deve ser feito é não se transformar todas as aulas em aulas de religião, mas partindo-se do conhecimento e da ciência poderemos chegar a conclusões que nos levem à fé."

(Irmão Deolindo Valiati).

"O ensino religioso integrado, real e efetivo, com todos os seus métodos tradicionais atualizados serviria como base para retomar aquêle diálogo."

(Professor Erasmo dos Santos Silva,
Representante da Igreja Evangélica).

“... a educação religiosa tem que ser feita onde haja respeito humano por Deus, e a grande dificuldade que se encontra é a de convencer a importância da integração na estrutura das escolas desse ensino religioso. Para isso tem que haver uma reformulação completa das estruturas, pois só assim o professor de religião não se sentirá marginalizado dentro das próprias Escolas.”

(Professor Moisés Eshinque, Representante da Igreja Judaica).

Em resumo, o necessário é “Expressar as bases filosófico-religiosas da educação, em torno das quais as diferentes Religiões percorrerão os seus caminhos próprios (Preambulo, Art. 168, § 3.º, item IV e Art. 150, § 7.º da Constituição do Brasil).”

Aplicando a dialética hegeliana, se a educação religioso-sectária dos séculos anteriores constituiu a **tese**, a educação leiga (arreligiosa) das sete décadas deste século representou a **antítese**. É necessário compor a **síntese** — educação à base de valores espirituais, de fundo religioso-aspectário. Esse entendimento particulariza aspecto de problema de maior profundidade filosófica, exposto no quadro seguinte:

AUTORIDADE		LIBERDADE	
(Centripetismo, Atração)		(Centrifugismo, Repulsão)	
TESE	+	—	Infância
ANTÍTESE	—	+	Adolescência
SÍNTESE	+	+	Maturidade

O equilíbrio das duas forças — atração e repulsão — equivale à harmonia entre a Autoridade e a Liberdade. Mas esse equilíbrio não poderá realizar-se na horizontal — materialismo. No campo político-social, a composição entre a Autoridade (Ditadura) e a Liberdade (Democracia) só poderá ser obtida na vertical (espiritualismo), transferindo-se a autoridade para dentro do homem, o que tornará efetiva a Responsabilidade.

g. a caracterização dos valores culturais subjetivos que definem as grandes instituições pátrias: Igreja, Família, Justiça, Escola, Forças Armadas.

6 — Exemplos na América

Estados Unidos —

São expressões do Presidente Kennedy:

“É uma das ironias do nosso tempo que as técnicas de um sistema cruel e repressivo sejam capazes de instilar disciplina em seus servos, enquanto as bênçãos da liberdade tenham o significado geralmente de privilégio, materialismo e vida folgada.”

“Aos velhos aliados, cujas origens culturais e espirituais compartilhamos, prometemos a lealdade de amigos fiéis. Unidos, quase nada há que não possamos fazer numa multidão de novos empreendimentos cooperativos; divididos, pouco poderemos fazer, pois não ousamos enfrentar um poderoso desafio em desacordo e separados.”

Argentina —

Dos “Pontos de Vista” do Comando-em-Chefe do Exército Argentino para orientação doutrinária e de metodologia de instrução de Condução Interior, de 1968, constam, com absoluta prioridade e importância, os mesmos principais valores examinados nas letras a e b; c; e d do item 5 — espiritualidade, dignidade da criatura humana e liberdade — apenas com inversão na ordem dos dois últimos:

“A Condução Interior propõe-se à formação moral de modo a que os homens assumam plena consciência dos valores que conformam a nossa concepção cristã do mundo, da sociedade, e do homem. Ela está baseada nos princípios de espiritualidade, liberdade e dignidade próprios da pessoa humana.”

Aquela Alto Comando tem sua base na “Constituição” da Argentina:

“Nós os representantes do povo da Nação Argentina, reunidos em Congresso Geral Constituinte por vontade e eleição das províncias que a compõem, em cumprimento de pactos preexistentes, com o objetivo de constituir a união nacional, afiançar a Justiça, consolidar a paz interior, prover a defesa comum, promover o bem-estar geral, e assegurar os benefícios da liberdade, para nós, para nossa posteridade, e para todos os homens do mundo que queiram habitar no solo argentino: invocando a proteção de Deus, fonte de toda a razão e justiça: ordenamos, decretamos e estabelecemos esta Constituição, para a Nação Argentina.”

Foi apoiado, agora, pelos Objetivos Políticos Nacionais 1, 3 e 7, de março de 1968, do atual governo do seu País:

“1. Manter com firmeza a soberania nacional, defendendo a sua integridade territorial, o estilo de vida, e os grandes fins morais que fazem a essência da nacionalidade.”

"3. Assumir com decisão irrevogável, por própria e livre determinação conforme as suas origens e destinos, o compromisso de participação na defesa do mundo livre, ocidental e cristão."

"7. Promover a consolidação de uma cultura nacional inspirada essencialmente nas tradições do país, porém aberta às expressões universais próprias da civilização cristã ocidental de que é integrante."

7 — Liberdade e Democracia

O homem e as diferentes comunidades estão longe da perfeição moral, na fase evolutiva da civilização. Necessitam de freios que impeçam atos negativos consequentes. Freios internos, acionados pela consciência, ou externos, de órgãos repressivos policiais. Democracia pressupõe Liberdade, mas esta não subsiste sem a sua contraparte — a Responsabilidade, desenvolvida à luz de valores espirituais de fundo religioso.

No belo trabalho "Uma Definição da Democracia", A. Powell Davies expressa com clarividência:

"Até que em certa parte — na Judéia — surgiu uma religião nova que corajosa e decididamente desafiou o fatalismo..."

"E assim, em Atenas, o homem descobriu a razão. Um dos mais imediatos resultados dessa descoberta foi a rebelião contra a tirania. A mente livre exigia o homem livre... Proclamou-se que os homens seriam governados por novas leis que eles próprios iriam elaborar. Assim nasceu a liberdade e a sua contrapartida — a Democracia. Foi apenas uma breve experiência cuja influência, porém, tornou-se imortal. Hoje, nos séculos cristãos, a religião nascida na Judéia e a liberdade que viu a luz do dia em Atenas fundiram-se numa mesma fé e num único objetivo..."

"Por outro lado, a fé democrática exige que o homem desenvolva a alma; que cada qual consulte sua própria consciência e reflita sobre o bem e o mal à luz da razão."

"... que Deus e a História estão sempre ao lado da liberdade e da justiça, do amor e do direito; e, que, portanto, cedo ou tarde o homem conseguirá uma sociedade universal de paz e de felicidade onde todos serão livres e isentos do medo."

Em 1951, proféticamente, William O. Douglas, Juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, declarou sobre esse livro de A. Powell Davies:

"Se a América se detivesse para ler este livro, talvez houvesse tempo para uma contramarcha na sua perigosa orientação."

Há necessidade urgente de que as elites busquem deter o esfacelamento, orientado, da Moral tradicional, caracterizada por valores espirituais, religiosos, e guia do emprêgo da Liberdade.

Com efeito, observamos, na fase histórica, mediante a vivência do pragmatismo materialista, com a consequente explosão do sexo e da violência, a invocação da Liberdade, para conduzir o homem à pior das escravidões — a escravização às forças instintivas e às mais baixas manifestações da vida. A todo momento constatamos aspectos, superficialmente dourados, de decadência da Moral Cristã, em nome da Liberdade. Até os comunistas arrogam-se o direito de crítica, evidentemente para efeitos momentâneos de propaganda, uma vez que são expressões recentes ("Jornal do Brasil", Guanabara, 5-7-68) do Secretário-Geral do PC da URSS, Leonid Brejnev:

"o artista poderá ter a possibilidade de relatar os fenômenos negativos e os erros, mas não pode repisar únicamente os aspectos sórdidos da vida "que nossos inimigos consideram como o máximo da criação artística livre."

8 — Conclusão

Após milênios, os pólos centralizadores dos profundos ideais da humanidade reduziram-se a dois. A bipolarização ideológica dos nossos dias é óbvia e essencialmente filosófica — o marxismo ateu e a Democracia espiritualista. Antes que sistema de governo, é a Democracia uma filosofia de vida. Com a base espiritual, a Liberdade que lhe é inerente tem significação, permitindo a ascensão humana a transcedentes e gloriosos destinos.

Sem cunho filosófico definido, a Democracia é um pólo desfigurado e inexpressivo, uma nau desarvorada, impulsionando a Liberdade para a destruição do próprio sistema e degradação do homem.

O velho condicionamento do "laissez-faire, laisser-passer" no campo moral está permitindo seja a destruição da civilização, seja a entrega do Ocidente às garras de ferro do comunismo, com a sua vitória na Guerra Revolucionária.

Todos os valores pelos quais a humanidade lutou durante milênios estão ameaçados de liquidação. Em seu lugar, pretende-se instalar o Sexo, em amplitude que reactive "tôdas as zonas erogênicas do corpo" humano e que obtenha "a erotização total da personalidade", tal como preceitua Marcuse.

Procura-se anular a magnífica ação do cristianismo na dignificação da Mulher.

Herbert Marcuse bem representa, na realidade, o materialismo na sua luta contra o cristianismo, — um verdadeiro Anti-Cristo.

Conhecemos de antemão os rumos e as metas do atual processo degenerativo, repetição, intelectualmente aperfeiçoada, talvez, de

outros processos que destruiram as velhas civilizações degradadas de Sodoma, Babilônia, Roma, as grandes prostitutas do Apocalipse.

A propósito afirmam, segundo Norman Vicent Peale:

Arnold Toynbee — "De vinte e uma notáveis civilizações, dezenove pereceram, não por conquistas vindas de fora, mas pela decadência interna."

Dr. J. D. Unwin — da Universidade de Cambridge, historiador: "Qualquer sociedade humana é livre para escolher entre mostrar uma grande energia, ou gozar de liberdade sexual; o fato é que não se poderá fazer ambas as coisas por mais de uma geração."

Permaneceremos de braços cruzados, assistindo omissos, por comodidade, fraqueza ou pressão de velhas cangas, à fase, em progresso, do aviltamento da mulher, cuja dignidade é a fonte por excelência de valores positivos, formadores do caráter e a cuja capacidade de renúncia devemos o melhor das construções da civilização? Assistindo à destruição da Moral tradicional e, consequentemente, da Família, das Instituições e da Pátria? E facilitando a instalação no Brasil da armadura rígida do comunismo russo-sino-cubano?

No campo militar, dariam razão ao redator do artigo "O Mundo — Brasil — O lugar de prova", publicado na revista "Time Magazine", edição latino-americana, de 21-4-1967:

"Hoje a organização militar brasileira é dirigida por uma classe intelectual e brilhante de oficiais, fortemente influenciados pelos dogmas do Positivismo de Comte e de Spencer", "o qual sustenta que o homem pode construir uma sociedade perfeita e viável apenas pelo reconhecimento de certas condições pelas quais existem, encarando-as científica e pragmáticamente, ao invés de engajar-se em especulações metafísicas quanto ao que deveriam ser."

Urge compreender que na Mente e no Espírito estão as forças diretrizes dos empreendimentos humanos. Que é necessário despertá-las e aperfeiçoá-las no rumo sadio. Que a Liberdade, básica na Democracia, para ser construtora e mesmo possível, é inseparável da Responsabilidade e que esta é oriunda da Consciência, vivificada únicamente por valores do Espírito Eterno.

É necessário entender que as ações repressivas, válidas e legítimas, por si apenas pouco realizam, pois que o mal só existe onde há ausência do bem. E mais ainda que, com o assustador incremento populacional, dentro em pouco estarão em minoria os capazes até mesmo para decidir e dirigir a repressão.

Faz-se mister levantar a bandeira dos valores espirituais e morais de fundo religioso-assetário, para humanizar a convivência

social, orientar a educação e mesmo legitimar, quando necessário, as atividades repressivas à atual maquinaria montada para a destruição da moral tradicional, cristã.

Compreendamos, ainda, uma necessidade urgente, de nacionalismo sadio — impedir que as ondas pegajosas, prenhas de pragmatismo e de sexo, provindas de Nações desenvolvidas do mundo ocidental, à custa do mau uso da Liberdade e agitadas pelo comunismo, continuem a espraiar-se no Brasil. **Não alienemos as nossas responsabilidades.**

É urgente atuar na propagação e defesa do nosso estilo de vida, de origem milenar.

Resumindo — Na atual conjuntura nacional, o materialismo, explorado ao máximo na direção apontada por Herbert Marcuse, leva a juventude à explosão do sexo e à violência. É de notar-se que a adolescente e a moça, ao invés de permanecerem junto aos pais, no lar, como em épocas passadas, aliam-se, hoje, aos jovens, em solidariedade característica, duplicando o número dos que protestam, já de si elevado pelo violento incremento populacional. Três rumos apresentam-se à nossa percepção:

— a incompreensão pelas atuais elites das causas da inquietação. O processo Marcuse prosseguirá pervertendo a juventude. É fácil prever que, no caos resultante, intervirá o comunismo, dominando-nos com as garras de ferro. Até quando as atuais elites, progressivamente exaustas pelo tempo, poderão exercer ação repressiva e em bases mal definidas ideologicamente?

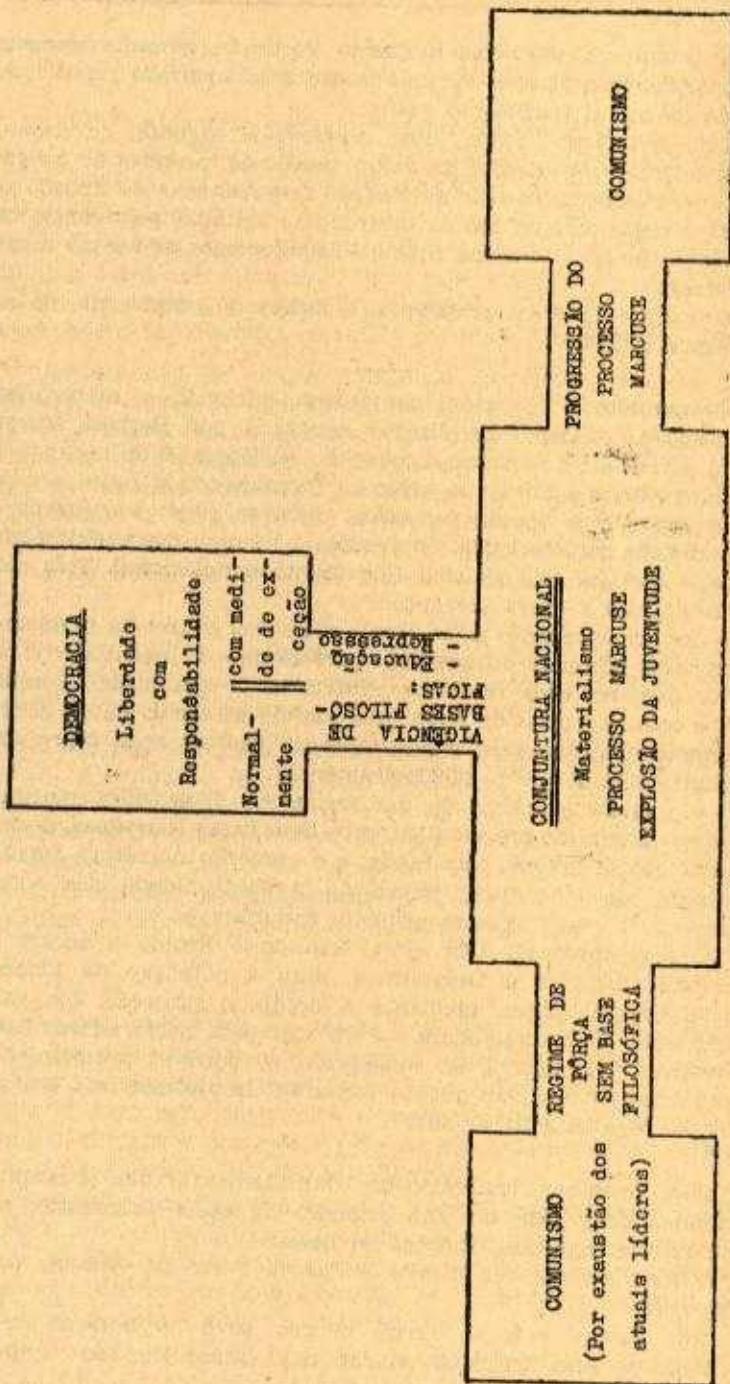
— o estabelecimento de um regime de força para reprimir o desenvolvimento do processo Marcuse. Sem bases filosóficas, a exaustão dos atuais líderes, pela idade, e o aumento numérico, intenso e constante, da juventude, impedirão a continuidade dos esforços repressivos e conduzirão ao primeiro caminho; e

— a compreensão das elites, levando o Estado a adotar base filosófica adequada à Democracia, para a obtenção da Liberdade com Responsabilidade, mediante a defesa e projeção dos valores tradicionais da nacionalidade — em vigorosas ações educacionais e repressivas. Isto deverá ser conseguido, se possível, normalmente e, senão, com as medidas que se tornaram imprescindíveis aos vitais objetivos visados (Ver Quadro).

Para terminar, lembremo-nos das clarinadas que ecoaram nas campinas de Belém, no ano primeiro do nosso calendário, e que repercutiram nas Constituições do Brasil:

"Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade."

Não haverá paz na Terra, mesmo para os homens de boa vontade, se eles forem desviados dos rumos do seu verdadeiro destino.



B I B L I O G R A F I A

- 1 — "Eros e Civilização — Uma Crítica Filosófica ao Pensamento de Freud" (Tradução de Alvaro Cabral, do original inglês "Eros and Civilization — A Philosophical Inquiry into Freud"), Herbert Marcuse, Zahar Editores, 1968, Rio de Janeiro.
- 2 — "Ideologia da Sociedade Industrial" (Tradução de Giasone Rebuá, do original inglês "One-dimensional Man — Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society"), Herbert Marcuse, Zahar Editores, 1967, Rio de Janeiro.
- 3 — "O Coração do Homem" (Tradução de Octavio Alves Velho, do original inglês "The Heart of Man, Its Genius for Good and Evil", 1944), Erich Fromm, Zahar Editores, 1967, Rio de Janeiro.
- 4 — "A Arte de Amar" (Tradução de Milton Amado, do original inglês "The Art of Loving", Erich Fromm, Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1966.
- 5 — "Nossos Conflitos Interiores" (Tradução de Octavio Alves Velho, do original inglês "Our Inner Conflicts", 1945), Karen Horney, Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro.
- 6 — "Novos Rumos da Psicanálise" (Tradução de José Severo de Camargo Pereira, do original inglês "New Ways in Psychoanalysis", 1950), Karen Horney, Editora Civilização Brasileira, 1966.
- 7 — Curso de Formação de Líderes Democráticos — CPOR, Salvador, Bahia, 1968.
- 8 — "Tratado de Filosofia, Moral", Régis Jolivet, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1966.
- 9 — "A Ciência e a Educação" (Tradução do original alemão "Didaktik As Bildungslehre"), I, Introdução à Ciência da Educação, Otto Willmann, com estudo de Frans de Hovre, Editora Globo, Rio de Janeiro — Pôrto Alegre — São Paulo.
- 10 — "Uma Definição de Democracia" (Tradução do Cel Paulo Eneas Ferreira da Silva), A. Powell Davies, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1950.
- 11 — "Pecado, Sexo e Autocontrole" (Tradução de Waldyr Wilson Rocha, do original inglês "Sin, Sex and Self-Control"), Norman Vincent Peale, Distribuidora Record, Rio de Janeiro — São Paulo, 1967.
- 12 — "Projeção dos Valores Espirituais e Morais da Nacionalidade, Proposta de Objetivo Nacional Permanente, para o Fortalecimento da Democracia", Gen Div Moacir Araújo Lopes, Gen Bda Lindolfo Ferraz Filho, Professor José Camarinha do Nascimento, Cel Milton Câmara Senna, Professor Jorge Boaventura de Souza e Professor Ruy Vieira da Cunha.
- 13 — "Constitución de la Nación Argentina", Buenos Aires, 1853, "Imprenta del Congreso de la Nación".
- 14 — "Reordenamento Metodológico de Políticas", do Governo Argentino, de março de 1968.
- 15 — "Pontos de Vista do Comando em Chefe do Exército para a Orientação Doutrinária e de Metodologia de Instrução de Condução Interior", do Exército Argentino, 1966.
- 16 — Notas de Aula de Curso de Filosofia do Professor Huberto Rohden, ex-Professor de Filosofia da "The American University", Washington, Estados Unidos.
- 17 — Notícia — "Religiosos concordam que 'não se pode educar bem sem Deus', do "Jornal do Brasil", Guanabara, de 21-5-1968.
- 18 — Notícia — "Discurso Violento de Brejnev contra os EUA", do "Jornal do Brasil", Guanabara, em 9 e 10-4-1967.
- 19 — Artigo "Marxismo e Humanismo", de Maria Pedrossian, publicado no "Jornal do Brasil", Guanabara, de 4-7-1968.
- 20 — "Comentários à Constituição de 1967", Tomo I (Arts. 1.º — 7.º), RT, Pontes de Miranda, Editora Revista dos Tribunais, 1967.
- 21 — "Marcuse", Herbert Marcuse, Edições Tempo Brasileiro Ltda., Rio de Janeiro, GB, 1968.
- 22 — "Revista Estudantil", D. Cohn-Bendit, J. Sauvageot, A. Geismar, J.-P. Duteil, Editora Laudes.

ANEXO 1

DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA AMERICANA

Reunião do Congresso de 4 de julho de 1776 (*)

Declaração unânime dos treze Estados Unidos da América

"Quando, no decorrer dos acontecimentos humanos, se torna imperioso que um povo rompa os laços políticos que o unem a outro, assumindo junto às potências do globo o lugar que lhe compete como nação independente ao lado de seus pares, e de acordo com as leis da natureza e as leis de Deus, impõe o devido respeito às opiniões da humanidade que esse povo declare os motivos que levaram à separação.

Creemos axiomáticas as seguintes verdades: que todos os homens foram criados iguais; que lhes conferiu o Criador certos direitos inalienáveis, entre os quais o de vida, de liberdade, e o de procurarem a própria felicidade; que, para assegurar êsses direitos se constituíram entre os homens governos cujos justos podêres emanam do consentimento dos governados; que sempre que qualquer forma de governo tenda a destruir êsses fins, assiste ao Povo o direito de mudá-lo ou aboli-lo, instituindo um novo governo cujos princípios básicos e organização de podêres obedecam às normas que lhe parecem mais próprias a promover a segurança e felicidade gerais. A prudência aconselha que governos, de longa data estabelecidos, não deverão ser mudados em razão de causas fúteis ou transitórias e tóda a experiência do passado demonstra que a humanidade está mais disposta a sofrer males, enquanto se possam suportar que a corrigi-los com o abolir das formas a que se havia acostumado. Todavia, quando uma longa série de abusos e usurpações, todos invariavelmente dirigidos ao mesmo fim, estão a apontar o designio de submeter um povo a despotismo absoluto, é seu direito, é seu dever pôr termo a tal governo, e prover novos guardiães de sua segurança futura. Estas colônias sofreram com paciência; mas perante a necessidade que ora surge sentem-se constrangidas a mudar seu antigo sistema de governo. A história do atual Rei da Grã-Bretanha é uma sucessão de agravos e usurpações, visando todo o estabelecimento de uma tirania absoluta sobre êstes estados. Para prová-lo, submetemos os fatos ao julgamento dum mundo imparcial."

Nesta altura os colonos expõem os seus agravos, cuja resenha se dá a seguir: usurpação ou descaso, por parte do Rei, dos direitos legislativos das colônias; obstrução da justiça, em razão do seu

(*) De autoria de Thomas Jefferson (1743-1826), terceiro Presidente dos EUA, segundo texto em português elaborado pela Secretaria de Estado dos Estados Unidos da América — Publicação TC-222.

absoluto controle sobre os tribunais, e da recusa da concessão do julgamento por meio de júri; a manutenção de um exército no seio da população, em tempo de paz, sem o consentimento dos habitantes; a sujeição do poder civil ao militar; o lançamento de impostos sem o consentimento dos colonos ("imposição de tributos sem representação é tirania" tornou-se o brado de guerra dos colonos) e flagrantes atos que ocasionaram a insurreição das colônias.

Segue-se então uma declaração relativa à atitude dos colonos para com "seus irmãos ingleses" que, à semelhança do Rei "se fizeram surdos à voz da justiça e consangüinidade". A seguir a este parágrafo vem a Declaração da Independência.

"Nós, portanto, representantes dos Estados Unidos da América, reunidos em Congresso Geral, apelando ao Juiz Supremo do mundo testemunha da retidão de nossas intenções, publicamos e solenemente declaramos, em nome do digno povo destas colônias e por sua autoridade, que estas Colônias Unidas são, como de direito deveriam ser, Estados Livres e Independentes; que estão isentas de fidelidade para com a coroa britânica; que se acham cindidos, como de razão, todos os laços políticos entre elas e o Estado da Grã-Bretanha; e que, como Estados Livres e Independentes, gozam do pleno direito de declarar guerra, assinar paz, contrair alianças, promover o comércio, e a realizar todo e qualquer ato ou diligência, dentro da alçada legal de Estados Independentes. E para sustentar a presente declaração, com fé inabalável na proteção da Divina Providência, empenhamos nossas vidas, nossas fortunas, e nossa honra sagrada."

ANEXO 2

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO.
DE 25 DE AGOSTO DE 1789 (*)

Da Assembléia Nacional Francesa

"Os representantes do povo francês, constituídos em Assembléia Nacional, considerando que a ignorância, o esquecimento ou o desprêzo dos direitos do homem são as causas únicas das infelicidades públicas e da corrupção dos Governos resolveram expor, em uma declaração solene, os Direitos naturais, inalienáveis e sagrados do homem, para que essa declaração, sempre presente a todos os membros do corpo social, lhes lembre sem cessar seus direitos e seus deveres; para que os atos do Poder legislativo e os do Poder executivo podendo a cada momento ser comparados com a finalidade de qualquer instituição política, por ela sejam mais respeitados; a fim de que doravante as reclamações dos cidadãos, fundadas nos princípios simples e incontestáveis, conduzam sempre à manutenção da Constituição e à felicidade de todos. — Em consequência, a Assembléia Nacional reconhece e declara, em presença e sob os auspícios do Ser Supremo, os seguintes direitos do Homem e do Cidadão:

Art. 1.º Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos. As distinções sociais não podem ser fundadas senão no interesse comum.

Art. 2.º A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescindíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão.

Art. 3.º O princípio de toda soberania reside essencialmente na Nação. Nenhum corpo, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que não lhe caiba expressamente.

Art. 4.º A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique a outrem: assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem limites senão os que assegurem aos outros membros da sociedade o exercício desses mesmos direitos. Esses limites só podem ser determinados pela Lei.

Art. 5.º A Lei só tem o direito de proibir as ações prejudiciais à sociedade. O que não é proibido pela Lei não pode ser impedido, e ninguém pode ser obrigado a fazer o que ela não determina.

Art. 6.º A Lei é a expressão da vontade geral. Todos os cidadãos têm direito de concorrer, pessoalmente ou por seus representantes, para a sua formação. Ela deve ser a mesma para todos, seja para pro-

(*) Tradução do Prof. Hélio Brito, respeitando, na medida do possível, a forma e conceituação da época em que foi redigida.

teger, seja para punir. Todo os cidadãos sendo iguais perante seus olhos, são igualmente admissíveis a dignidades, lugares e empregos públicos, segundo sua capacidade e sem outra distinção que a das suas virtudes e aptidões.

Art. 7º Nenhum homem pode ser acusado, preso ou detido se não nos casos determinados pela Lei e segundo as formas por ela prescritas. Os que solicitam, expedem, executam ou fazem executar ordens arbitrárias devem ser punidos; mas todo cidadão convocado ou preso em virtude da Lei deve obedecer imediatamente; ele se torna culpado por sua resistência.

Art. 8º A Lei só deve estabelecer penas estrita e evidentemente necessárias, e ninguém pode ser punido senão em virtude de uma lei estabelecida e promulgada anteriormente ao delito e legalmente aplicada.

Art. 9º Sendo todo homem presumido inocente até que seja declarado culpado, se é julgada indispensável a sua prisão, todo rigor que não seja necessário para apoderar-se de sua pessoa deve ser severamente reprimido pela Lei.

Art. 10. Ninguém deve ser molestado em virtude de suas opiniões mesmo religiosas, desde que sua manifestação não embarace a ordem pública estabelecida pela Lei.

Art. 11. A livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; todo cidadão pode pois falar, escrever, imprimir livremente, com a reserva de responder pelo abuso dessa liberdade nos casos determinados pela Lei.

Art. 12. A garantia dos direitos do Homem e do Cidadão necessita uma força pública; essa força é portanto instituída em benefício de todos e não em proveito particular daqueles aos quais ela é confiada.

Art. 13. Para a manutenção da força pública e para as despesas da administração, é indispensável uma contribuição comum; ela deve ser igualmente repartida por todos os cidadãos, em razão das suas capacidades.

Art. 14. Todos os cidadãos têm o direito de constatar, por eles mesmos ou por seus representantes, a necessidade da contribuição e de determinar a sua alíquota, a base, a restituição e a duração.

Art. 15. A sociedade tem o direito de pedir contas a todo agente público de sua administração.

Art. 16. Toda sociedade na qual a garantia dos direitos não é assegurada nem a separação dos poderes determinada, não tem constituição.

Art. 17. Sendo a propriedade um direito inviolável e sagrado, ninguém dela pode ser privado a não ser quando a necessidade pública, legalmente constatada, o exija realmente, e sob a condição de uma justa e prévia indenização.

A N E X O 3

**DECLARAÇÃO AMERICANA DOS DIREITOS E DEVERES
DO HOMEM (*)
(Bogotá — 1948)**

"A IX Conferência Internacional Americana,

CONSIDERANDO:

Que os povos americanos dignificaram a pessoa humana e que suas constituições nacionais reconhecem que as instituições jurídicas e políticas, que regem a vida em sociedade, têm como finalidade principal a proteção dos direitos essenciais do homem e a criação de circunstâncias que lhe permitam progredir espiritual e materialmente e alcançar a felicidade;

RESOLVE:

Adotar a seguinte

**DECLARAÇÃO AMERICANA DOS DIREITOS E DEVERES
DO HOMEM**

Preâmbulo

"Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, como são dotados pela natureza de razão e consciência, devem proceder fraternalmente uns com os outros.

O cumprimento do dever de cada um é exigência do direito de todos. Direitos e deveres integram-se correlativamente em toda a atividade social e política do homem. Se os direitos exaltam a liberdade individual, os deveres exprimem a dignidade dessa liberdade.

Os deveres de ordem jurídica dependem da existência anterior de outros de ordem moral, que apóiam os primeiros concepcionalmente e os fundamentam.

É dever do homem servir o espírito com todas as suas faculdades e todos os seus recursos, porque o espírito é a finalidade suprema da existência humana e a sua máxima categoria.

É dever do homem exercer, manter e estimular a cultura por todos os meios ao seu alcance, porque a cultura é a mais elevada expressão social e histórica do espírito.

E, visto que a moral e as boas maneiras constituem a mais nobre manifestação da cultura, é dever de todo homem acatar-lhes os princípios.

(*) ANEXO 1 da publicação "Direitos Humanos nos Estados Americanos", Estudo preparado de acordo com a Resolução XXVII da Décima Conferência Interamericana, Edição Preliminar, maio de 1948. União Pan-Americana, Secretaria-Geral da Organização dos Estados Americanos, Washington, D.C.

CAPITULO PRIMEIRO**Direitos**

Artigo I — Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança de sua pessoa.

Artigo II — Tôdas as pessoas são iguais perante a lei e têm os direitos e deveres consagrados nesta declaração, sem distinção de raça, sexo, língua, crença ou qualquer outra.

Artigo III — Tôda pessoa tem o direito de professar livremente uma crença religiosa e de manifestá-la e praticá-la pública e particularmente.

Artigo IV — Tôda pessoa tem o direito à liberdade de investigação, de opinião e de expressão e difusão do pensamento, por qualquer meio.

"Artigo XII — Tôda pessoa tem direito à educação, que deve inspirar-se nos princípios de liberdade, moralidade e solidariedade humana.

"

ANEXO 4

DOS PREAMBULOS DE CONSTITUIÇÕES DO BRASIL

1824

Constituição Política do Império

Prefácio — "Dom Pedro Primeiro, por graça de Deus e unânime aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil:

EM NOME DA SANTÍSSIMA TRINDADE

"Título I. Do Império do Brasil, seu Território, Governo, Dinastia e Religião."

"Art. 5º. A religião católica apostólica romana continuará a ser religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo".

"Art. 106. O herdeiro presuntivo, em completando quatorze anos de idade, prestará nas mãos do presidente do Senado, reunidas as duas Câmaras, o seguinte juramento: Juro manter a religião católica apostólica romana, observar a Constituição política da nação brasileira, e ser obediente às leis e ao Imperador".

"Art. 179. A inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade, é garantida pela Constituição do Império, pela maneira seguinte:"

"Ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado, e não ofenda a moral pública"

1934

Constituição dos Estados Unidos do Brasil

Prefácio — Nós, os representantes do Povo Brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social econômico, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil".

1946

Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil

Preâmbulo — "Nós, os representantes do Povo Brasileiro, reunidos, sob a proteção de Deus, em Assembléa Constituinte para organizar um regime democrático, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição dos Estados Unidos do Brasil".

"Art. 166. A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de lealdade e nos ideais de solidariedade humana".

1967

Constituição do Brasil

"Preâmbulo — "O Congresso Nacional, invocando a proteção de Deus, decreta e promulga a seguinte Constituição do Brasil".

"Art. 168. A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Assegurada a igualdade de oportunidade deve inspirar-se no princípio da unidade nacional e ideais de liberdade e de solidariedade humana".

ANEXO 5

Excertos do livro "Comentários à Constituição de 1967"
Tomo I (Arts. 1.º — 7.º), RT, Editora Revista dos Tribunais,
1967, de Pontes de Miranda, sobre os Preâmbulos das
Constituições.

"Isso de modo nenhum autoriza a que se ponham de lado, na interpretação dos textos constitucionais, os dizeres dos Preâmbulos. Todo Preâmbulo anuncia; não precisa anunciar tudo, nem, anunciando, restringe (páginas 408 e 409)."

"Na Constituição de 1967, o preâmbulo sómente contém referência ao Congresso Nacional, que à última hora editou a Constituição do Brasil e à proteção de Deus: "O Congresso Nacional, invocando a proteção de Deus, decreta e promulga a seguinte Constituição do Brasil..." A de 1934 dizia: "pondo a nossa confiança em Deus"; a de 1946: "sob a proteção de Deus". (Página 434). "Dai concluir (o relator da Constituição de 1967) que havia contradição patente entre o Preâmbulo e o princípio que declarava inviolável a liberdade de consciência e de crença. Não atendeu, assim, a que se tratava de um dos aspectos da antinomia democrática — da incomensurabilidade entre o todo (— todos) e a maioria. Não existe ela desde que vejamos no princípio majoritário o cerne mesmo da democracia. Por outro lado, toda Constituição, como toda lei é expressão da decisão da maioria; não se supõe unanimidade; a decisão unânime é mero acidente, que nada acrescenta à legitimidade do ato legislativo. Não tem mais intensidade, ou rigidez, a regra jurídica que foi votada por unanimidade, em vez de o só ter sido pela maioria regimental" (Página 433).

"A convicção do legislador constituinte é de ordem só política e social; dizíamos a respeito da Constituição de 1937; e acrescentamos, perplexos, ante esse unipartidarismo indeciso: "Melhor fôra que tivesse dado à vida do Estado diretriz mais funda, e.g., a da filosofia dualista, ou espiritualista. A propósito da Constituição de 1946, escrevemos (I, 4.ª ed, 335): "A de 1946 voltou a ser deísta, pelo menos no papel Mas é preciso que a Constituição seja respeitada e que sirva à longa caminhada pelas três dimensões: democracia, liberdade e igualdade" (Página 440).

"O que hoje mais importa no Brasil é que se cumpra a Constituição de 1967" (Página 441).